

A CAÇA NA PÓLIS ATENIENSE NOS PERÍODOS ARCAICO E CLÁSSICO

André Leonardo Chevitarese*

Résumé

On a l'intention, dans cet article, d'analyser l'activité cynégétique dans l'Athènes aux périodes Archaique et Classique, ayant comme point de partie la documentation textuel et les images de la chasse dans la céramique attique à figures noires et rouges.

A atividade da caça insere-se na **khóra**. (XENOFONTE. **Econômico** 5.5-6, 6.6-7; ANDERSON, 1985, 18)¹. Toma-se, muitas vezes, porém, a montanha como o lugar quase que exclusivo para a realização dessa atividade. Esta delimitação espacial acaba transformando todo o espaço rural em montanha, como se a cinegética ficasse restrita a esta região geográfica (BUXTON, 1992, 3; FOX, 1996, 124-125). Deve-se admitir, neste sentido, que a caça perpassava toda a **khóra**, incluindo algumas vezes terrenos cultiváveis (XENOFONTE, **A Caça** 12,6; ver figura 1)². Este ponto de partida pode ser analisado a partir de três argumentos básicos:

1º. como observou Schnapp (1993, 378; 1997, 19, 31), trabalhando com uma perspectiva binária – natureza / cultura, cidadão / não-cidadão –, a caça implica, por definição, a superioridade do homem sobre os animais. Para que esta superioridade possa existir, contudo, é necessário que haja o enfrentamento e o risco, calculados ou não, entre o caçador e o animal, pelos quais o primeiro deverá sair vencedor. Platão (**As Leis** 824a-b) percebe também esta superioridade, no momento em que estabelece um elogio ao

* Professor Doutor do IFCS/UFRJ/ Laboratório de História Antiga e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (Linha de Pesquisa: Campinato e Escravidão) do Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Encontra-se atualmente desenvolvendo Programa de Pós-Doutorado no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas com o Professor Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Esta pesquisa conta com uma Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Email: kac1000@uol.com.br

tipo de caça que envolve quadrúpedes, caçados a cavalo, com ajuda de cachorros e com o esforço do próprio corpo (do caçador). Todas as presas, bem alcançadas na corrida, bem golpeadas, de perto ou de longe, não são capturadas senão pelas próprias mãos do caçador. Para Schnapp (1993, 380; 1997, 22), a caça é um dos fundamentos da vida em sociedade, uma prática que permite distinguir os homens dos animais, os gregos dos bárbaros, os cidadãos dos escravos³. A caça constitui-se como um elemento civilizatório, pertencendo ao universo **políade**. Ela está muito mais ligada, porém, à **khóra** do que à **ásty**, já que traz em si, segundo Schnapp (1993, 390; 1997, 33), um elemento potencialmente perigoso, o caçador, portador de uma violência que, se não for devidamente controlada, pode-se voltar contra a cidade. Os amantes da caça – Órion, Céfalos, Actéon e mesmo Meleagro – terminaram as suas vidas mal (para uma análise detalhada sobre Actéon, ver: DEL PELOSO, 1999);

2º. pela associação que é feita entre caça e divindades e (ou) personagens míticos que possuem, entre os seus atributos, características marcadamente vinculadas com o universo rural, particularmente Apolo (XENOFONTE. **A Caça** 1.1; HACQUARD, 1979, 39), Ártemis (XENOFONTE. **A Caça** 1.1; EURÍPIDES. **Hipólito** 73ss; **Ifigênia em Taurides** 1103ss; OSBORNE, 1991, 157) e Aristeu (MALAGARDIS, 1988, 110; DETIENNE, 1986, 62);

3º os dados topográficos e os elementos da flora e da fauna apresentados pelos pintores dos vasos áticos de figuras negras e vermelhas iluminam também o espaço onde se desenvolve a ação da caça. O ambiente da **khóra** é apresentado como sendo composto pelo solo rochoso ou pedras, colinas, árvores, aves, peixes, rio ou mar. Esses elementos podem aparecer sozinhos ou mesclados. Tudo vai depender do tema trabalhado pelo pintor. O importante, porém, é que esses elementos demarcam o ambiente rural, em flagrante oposição ao espaço urbano.

A caça admite, de imediato, dois tipos de enfoques: o primeiro associa-a a um esporte de homens ricos e privilegiados (WEBSTER, 1972, 180-181, 245; ANDERSON, 1985, 18; GALLANT, 1991, 119; ISAGER e SKYDSGAARD, 1992, 85; FOX, 1996, 135), como o próprio tratado sobre a Cinegética de Xenofonte parece admitir; o segundo identifica essa atividade como um complemento alimentar dos antigos gregos⁴. Convém destacar, neste último enfoque, que nos períodos arcaico e clássico caçavam-se basicamente javali, cervo, lebres, raposas, além de aves, tais como: pombo, perdiz, patos, rola, cotovias e tordos (FLACELIÈRE, s/data, 205;

AMOURETTI, 1998, 143) Esses dois tipos de caça não são excludentes, mas complementares.

A caça é o tema rural que fornece a maior quantidade de imagens (ver Quadros 1 e 2). É possível estabelecer, a partir delas, como se caracteriza um caçador e quais são os instrumentos que ele emprega na caçada (Tabela 1; ver também ANDERSON, 1985, 30-56).

Tabela 1.

Caracterização do Caçador, dos Instrumentos e dos Animais Empregados na Caçada nos Vasos Áticos de Figuras Negras e Vermelhas

Caracterização do Caçador	Instrumentos de Caça	Tipos de Animais
Pétaso	Lança	Cão de Caça
Pílos	Clava	Cavalo
Capacete	Espada	—
Coroa	Pedra	—
Tiara	Vara para transporte da Presa	—
Fita ao Redor da Cabeça	Armadilha	—
Quíton	Machado	—
Tecido Especial	Arco	—
Clâmide	Coroa	—
Pele de Animal	Escudo	—
Botas	—	—

Deixando por um momento os dados e as análises advindos da Tabela 1, seria extremamente oportuno organizar um outro levantamento (Tabela 2) das informações fornecidas por Xenofonte, no seu opúsculo denominado **A Caça**. Como se sabe, trata-se de um texto produzido no quarto século que lida com o universo da cinegética, constituindo-se, portanto, uma obra indispensável para o tema proposto neste artigo.

Tabela 2. Caracterização do Caçador, dos Instrumentos e dos Animais Empregados na Caça na Cinegética (Κυνηγητικός) de Xenofonte.

Caracterização do Caçador	Referência	Instrumentos de Caça	Referência	Tipos de Animais	Referência
Vestido (ἔσθητα)	6.11	Guarda-Rede (ἀρκυωρός)	2.3	Cão de Caça (κυνός)	3.1-11, 4.1-11, 6.1, 7.5, 10.21
Sapatos (ὕποδεςιν)	6.11	Redes (ἄρκυς)	2.4-8	Cavalo (ἵππος)	11.3
Clava (ρόπαλον)	6.11	Saco de Pele para Guardar as Redes (κυνουῆχος μόνσχειος)	2.9	—	—
—	—	Foices (δρέπανα)	2.9	—	—
—	—	Dardos (ἀκόντια)	9.7, 9.20, 10.3, 11.10	—	—
—	—	Lanças (προβόλα)	10.3	—	—
—	—	Armadilhas (ποδοστράβαι)	9.11-19, 10.3, 10.22, 11.4	—	—
—	—	Pedras jogadas Contra as Feras (λίθοις βάλλειν)	10.10-11	—	—

Convém estabelecer, para a Tabela 2, antes de passar para um outro ponto, duas rápidas observações com relação à presença do cavalo:

1ª. o pequeno número de cenas envolvendo caçadores montados nos vasos áticos de figuras negras, com o seu desaparecimento ao longo do quinto século (ANDERSON, 1961, 100; ANDERSON, 1985, 22-23; FOX, 1996, 133, 136); e

2ª. o fato de Xenofonte enfatizar, conforme indicação feita na coluna denominada “referência”, que esse animal era apenas utilizado nas caçadas às grandes feras.

Pode-se admitir, considerando essas duas pequenas observações, que a caça para Xenofonte era uma atividade desenvolvida basicamente a pé (ANDERSON, 1961, 100; FOX, 1996, 136).

Tabela 3.

Pontos de Contato e de Distanciamento entre os Dados envolvendo Caracterização do Caçador, Instrumentos e Animais Utilizados em Cenas de Caça nos Vasos Áticos de Figuras Negras Vermelhas (Tabela 1) e a Cinegética (Κυνηγετικός) de Xenofonte (Tabela 2).

	Ponto de Contato	Ponto de Distanciamento
Pétaso	—	X
Pílos	—	X
Capacete	—	X
Coroa	—	X
Tiara	—	X
Fita ao Redor da Cabeça	—	X
Quíton	—	X
Tecido Especial	—	X
Pele de Animal	—	X
Bota	—	X
Lança	X	—
Clava	X	—
Espada	—	X
Pedra (jogada contra as feras)	X	—
Vara para Transporte da Presa	—	X
Armadilha	X	—
Machado	—	X
Arco	—	X
Corda	—	X
Escudo	—	X
Cão de Caça	X	—
Cavalo	X	—
Vestido	—	X
Guarda-Rede	—	X
Redes	—	X
Saco de Pele para Guardar as Redes	—	X
Foice	—	X
Dardos	—	X

Podem parecer, à primeira vista, que haja uma incompatibilidade entre as informações advindas da cerâmica ática de figuras negras e vermelhas e o texto de Xenofonte, principalmente, pelo fato de que dos vinte e oito itens listados, apenas seis seriam comuns aos dois tipos de documentos. Uma análise mais atenta revelará que o que existe, na verdade, é uma complementaridade e não uma incompatibilidade na Tabela 2. Deve ser observado, no entanto, que o enunciado imagético apresenta uma gramática e uma sintaxe diferentes das dos textos antigos.

Analisemos, em separado, cada um dos documentos citados acima, começando pela referida obra de Xenofonte. De imediato, ela não deve ser vista como um tratado pormenorizado sobre a caça. Tudo indica que não apenas o autor, como também o seu público alvo deveriam conhecer bem, ao nível da prática, este objeto. Assim sendo, o objetivo do livro não era o de estabelecer uma análise aprofundada do caçador, das técnicas, dos animais e dos equipamentos utilizados na caça. Xenofonte (**A Caça** 1.1-17) estava mais interessado em demonstrar que ela tinha um triplo aspecto positivo para a sociedade: primeiro, sendo uma invenção divina, ela só poderia levar os homens para o caminho da perfeição. Vários heróis haviam conseguido, por meio dela, alcançar fama entre todos os helenos e foram honrados pelos deuses ainda em vida. O autor (**A Caça** 1.18-2.1) aconselha os jovens aristocratas a não a desprezarem. Deve-se enfatizar a importância da caça aparecer bem cedo na vida desse jovem (**PLATÃO. Alcibíades** 121e). Segundo, a cinegética torna os homens mais virtuosos (**XENOFONTE. A Caça** 1.5, 12.18) e aptos para a guerra (**XENOFONTE. A Caça** 12.8-9, 11, 15). Assim sendo, todo aquele que trilha este caminho encontra a saúde do corpo, aperfeiçoa a vista e a audição, retarda a velhice e, acima de tudo, educa-se para a defesa da sua **pólis**, tornando-se um bom soldado (**XENOFONTE. A Caça** 12.2-5). Terceiro, a caça constitui não apenas uma forte barreira moral contra o avanço das idéias sofistas entre a juventude (oligarca) ateniense (**XENOFONTE. A Caça** 13.1-18), como também estabelece uma linha demarcatória entre oligarcas e oponentes ideológicos advindos de outros estratos sociais (**MOURA, 2000, 68-71**). Esta atividade, representando uma das bases da educação tradicional, teria a capacidade de reintroduzir os jovens aos verdadeiros valores **políades**. Xenofonte acaba compartilhando, com relação aos sofistas, o mesmo tipo de crítica estabelecido por Aristófanes e Platão (com relação às críticas formuladas, ver: **FINLEY, 1985, 147-148**). O seu objetivo, no momento em que escreveu

uma obra sobre a cinegética, portanto, não era o de estabelecer um tratado sobre essa atividade, mas o de constatar que, por meio dela, a juventude oligárquica poderia ser educada de forma diferenciada daquela proporcionada aos demais estratos sociais atenienses. O fato de Xenofonte deixar de apresentar informações mais detalhadas sobre a caracterização do caçador e dos equipamentos usados na caçada, neste sentido, não constitui nenhum absurdo na referida obra. Como foi observado, não era este o objetivo do seu opúsculo.

Os pintores dos vasos áticos de figuras negras e vermelhas, diferentemente de Xenofonte, não conheciam, ao nível da prática, a caça. Não apenas os seus espaços de ação eram incompatíveis com o desenvolvimento dessa atividade, tendo em vista que as suas oficinas estavam majoritariamente instaladas no espaço urbano⁵, como também os seus estatutos sociais os alijavam de participar dessa ação, visto que uma parte significativa deles eram estrangeiros de origem escrava (SARIAN, 1993, 112-115; WILLIAMS, 1984, 97). Mesmo aqueles pintores de estatuto livre, fossem eles cidadãos ou metecos, não deveriam ter dinheiro e tempo de lazer necessários para participarem das caçadas. As informações que eles dispunham sobre a caça eram, provavelmente, oriundas de relatos míticos, de conversas com pessoas e/ou clientes que haviam participado de alguma caçada, assim como das suas próprias experiências, já que certamente eles teriam visto cidadãos vestidos como caçadores, com os seus equipamentos, partindo ou chegando de uma caçada. Os pintores, a partir dessas informações e lançando mão de atletas nos ginásios como modelos para caçadores nus (ANDERSON, 1985, 34), seriam capazes de construir as cenas de caça, desde o momento em que o caçador parte da sua casa, passando pela reunião com o grupo de amigos que iriam participar dessa empreitada, até o seu envolvimento direto, tanto individual quanto em grupo, no enfrentamento dos animais caçados. A necessidade de compor a cena, em cada uma dessas situações, exigiria a inclusão do caçador nu (ou vestido) com parte do (ou com todo o) seu equipamento. Estas representações, ao mesmo tempo em que fornecem um grande conjunto de informações sobre o universo da caça, estão, muitas vezes, associadas com idealizações propostas pelos pintores ou pelos próprios clientes, através dos seus pedidos. Esta questão pode ser plenamente observada em cenas envolvendo dois tipos de repertórios: o caçador partindo com pouquíssimos equipamentos para a caça (ver figura 2); o caçador sozinho enfrentando com a lança uma fera como o javali (ver figuras 3a, 3b). Perce-

be-se uma nítida preocupação do pintor, nesses casos, em apresentar o caçador como sendo senhor de si mesmo, dotado de um equilíbrio, de uma força e de uma virilidade própria do *καλός κ'ἀγαθός* ou mesmo, quem sabe, dos heróis e dos deuses.

Verifica-se, portanto, que diferentemente de Xenofonte, os pintores da cerâmica ática de figuras negras e vermelhas não teriam um conhecimento prático da caça, mas, no entanto, através das suas fontes de informações, seriam capazes de proporcionar um conjunto enorme de dados referentes ao caçador, às técnicas, aos animais e aos equipamentos utilizados durante a caçada. Como foi observado mais acima, neste sentido, os dados fornecidos por Xenofonte e pelos pintores dos vasos não são excludentes, mas complementares.

Não é uma tarefa fácil distinguir, a partir das cenas, a presença de um cidadão ou de um camponês (MALAGARDIS, 1988, 110). Muito recentemente, porém, Maria Pipili (2000, 153-179) apresentou, de maneira convincente, um método de análise que passa pela composição do vestuário dos personagens, mais particularmente dos tipos de chapéus utilizados por eles nas cenas. Personagens caracterizando indivíduos de estatuto social baixo (ferreiros, pessoas que trabalham em estrebrias e trabalhadores rurais) sempre aparecem usando dois tipos básicos de chapéus: os dois primeiros grupos de profissionais estão associados a um tipo de boina (feita de couro ou feltro) com uma pequena argola no topo para segurar ou pendurar, enquanto que o terceiro grupo de trabalhadores está vinculado ao *πι'λος* rústico (feito de lã ou de pele animal, como, por exemplo, de coelho ou de cabra). Com relação aos caçadores, Pipili (2000, 165) observou que o tipo de chapéu é fundamental para a identificação da natureza do personagem apresentado. Quando o chapéu está ausente ou há uma ambigüidade quanto ao seu uso, prossegue a autora, é muito difícil distinguir um nobre cidadão de um caçador profissional. Neste caso, devem-se buscar outros elementos que funcionariam como indicadores dos estatutos sociais dos personagens trabalhados pelos pintores. Assim, por exemplo, o tipo de vestimenta, a presença do bastão, a forma como o personagem é descrito na cena, bem como a presença do cavalo, podem ser indicadores de que estamos diante de homens ricos (sobre a relação homem rico / cavalo, ver: XENOFONTE. *O Chefe da Cavalaria* 1.9, 1.11-12; *As Rendas* 4.8; ARISTÓTELES. *A Política* 1289b 35-36, 1321a 8-13; TUCÍDIDES 6.12.2; ARISTÓFANES. *A Paz* 135-39; *As Nuvens* 12-35; HODKINSON, 1988, 63-64; SPENCE, 1993, 183, 191-193, Apêndice 4).

Os textos antigos estabelecem pelo menos duas interessantes relações em torno da caça: a primeira relaciona a cinegética com a guerra (XENOFONTE. *A Caça* 12.1-5, 8-9, 11, 15; PLATÃO *As Leis* 823b), enquanto que a segunda associa a caça com o homoerotismo (ÉSQUINES 1.195; PLATÃO. *Protágoras* 309a; *Fedro* 241d; *Lísis* 206a, *Sofistas* 222d; *O Banquete* 182e, 203d). No primeiro caso – caça e guerra – enquanto atividades próprias do universo aristocrático (WEBSTER, 1972, 180, 245; ANDERSON, 1985, 18), elas acabam levando os participantes a se exporem diretamente às mais diferentes situações de perigo, exigindo, da parte deles, uma adequada preparação dos corpos. Por estarem expostos ao perigo, quando enfrentam o inimigo ou a fera, os participantes têm a possibilidade de demonstrar a ἀνδρεία. Não deixa de ser significativo, com relação às grandes feras, o fato de existir um baixíssimo número de imagens para algumas delas (leão e pantera), enquanto que para outras (lince, leopardo e urso) não há simplesmente qualquer tipo de representação envolvendo enfrentamento nos vasos áticos. Essas imagens, que não devem ser vistas como situações reais vivenciadas pelos caçadores, podem ser lidas a partir de pelo menos duas perspectivas:

- a. como um ideal heróico que deveria ser almejado, no caso dos caçadores serem jovens (SCHNAPP, 1997, 12);
- b. como um possível modelo que os jovens caçadores poderiam extrair do comportamento das referidas feras, tornando-se fortes e ágeis como estes animais.

Quanto à segunda relação – caça e homoerotismo – constata-se uma interessante analogia entre **caçador / perseguição da presa / captura** e as relações **erastés / perseguição do erómenos / captura** (DOVER, 1989, 87-88). Schnapp (1997, 326-332), analisando exclusivamente as cenas de caça à lebre nos vasos áticos, como forma de perceber melhor essa analogia, aponta uma mudança entre o fim do sexto e início do quinto séculos, a partir do desenvolvimento da técnica das figuras vermelhas, trazendo as bases de uma erótica nova que não tem os mesmos objetivos nem os mesmos meios de expressão trabalhados na técnica de figuras negras. Fox (1996, 131-134), muito embora não mencione a mudança observada por Schnapp, sugeriu que a referida analogia possa ser situada temporalmente no sétimo e sexto séculos, já que não há nada parecido com isto no mundo homérico, por um lado, e no opúsculo sobre a cinegética de Xenofonte, por outro. Para Fox

(1996, 132), caça e homoerotismo fariam parte do universo aristocrático. Esta vinculação poderia explicar o porquê do desaparecimento gradual de cenas ligadas à caça ao longo do quinto século, quando a forma de governo democrática já estava plenamente consolidada em Atenas⁶.

Enquanto não há na cerâmica ática de figuras vermelhas nenhuma imagem de caça relacionada às feras mencionadas acima, a cerâmica ática de figuras negras registra um total de quatro imagens de caça à pantera. Este pequeno número de imagens pode estar relacionado com o fato de nenhum desses animais fazerem parte da fauna grega (XENOFONTE. *A Caça* 11.1; convém observar, muito embora haja um intervalo de tempo bastante significativo que não deve ser de forma alguma desprezado, que Pausânias (1.32,1) fala da caça ao urso no Parnes). Pode ser mencionado, no grupo de animais ferozes e perigosos, o javali. Sobre este animal, presente na fauna grega (CLOCHÉ, 1931, 24), há um número bastante significativo de cenas envolvendo a sua caça. Não deixa de ser curioso, porém, o fato de Xenofonte exortar os perigos da cinegética e, ao mesmo tempo, como chamou a atenção Delebecque (1970, 22-23), passar a maior parte do seu opúsculo enfocando a caçada dos animais menos perigosos: assim, por exemplo, constata-se que, ao longo da sua obra, 71,5% são dedicados à caça à lebre, 11% são destinados à caça ao cervo, 16% estão restritos à caça ao javali e 1,5% relacionados com a caça às demais feras (sobre o porquê da ênfase de Xenofonte na lebre e a sua possível relação com as mudanças sofridas na prática da caça durante a democracia, ver: FOX, 1996, 134-136). Ao considerarmos esses dados com aqueles advindos do catálogo das cenas rurais dos vasos áticos de figuras negras e vermelhas, essa proporção praticamente se inverte. Dos trezentos e cinqüenta e oito vasos utilizados como suporte para o variado repertório imagético rural, duzentos e quarenta e cinco estão relacionados com cenas de caça, o que equivale a dizer, 69% de todo o material cerâmico, com um total de duzentos e setenta e duas imagens distribuídas em onze temas (ver Tabela 4).

Tabela 4.

Distribuição Temática das Cenas de Caça nos Vasos Áticos de Figuras Negras e Vermelhas.

Tema	Figuras Negras	Figuras Vermelhas	Total
Caça ao Javali	61	22	83 (30,74%)
Caça ao Cervo	61	14	75 (27,78%)
Caça à Lebre	36	9	45 (16,67%)
Caçador	13	20	33 (12,22%)
Caça à Raposa	9	3	12 (4,44%)
Caça à Pantera	6	—	6 (2,22%)
Leão Caçando	5	—	5 (1,85%)
Pantera Caçando	—	5	5 (1,85%)
Caça aos Pássaros	2	3	5 (1,85%)
Caça ao Carneiro	2	—	2 (0,74%)
Caça ao Touro	1	—	1 (0,37%)
Total	196	76	272

Verifica-se, sob o ponto de vista do antigo público consumidor dos vasos áticos, portanto, um interesse maior por cenas relacionadas às caças ao javali e ao cervo, já que ambos os animais apresentam consideráveis taxas de risco ao caçador – um, por causa das suas potentes presas, poderia feri-lo mortalmente; o outro, devido às galhadas, poderia causar-lhe sérios ferimentos. Tais riscos, quando associado à *ἀνδρεία* do cidadão, ajudaria a explicar o porquê de quase 60% das imagens estarem relacionadas às duas referidas temáticas. A caça à lebre, por outro lado, apresenta um número pequeno de imagens (16,67%), se comparado com os dois itens anteriores. Quando vista no universo dos temas cinegéticos trabalhados pelos pintores de vasos áticos, no entanto, essa taxa torna-se mais expressiva. Provavelmente, como argumentou Anderson (1985, 48), a partir dos dados propostos por Xenofonte (discutidos mais acima), esse percentual possa estar vinculado ao fato de no quarto século caçar-se muito mais lebre do que javali ou cervo.

As cenas relacionadas com a cinegética não envolvem apenas o enfrentamento de caçadores e animais; elas podem também estar associadas com a caça aos pássaros (duas ânforas de figuras negras e dois *skýphoi* de figuras vermelhas) e o aprisionamento de aves (uma taça de figuras vermelhas). Os textos antigos (PLATÃO. *A República* 459a; ARISTÓFANES.

As Aves 1084-1087; para um maior número de referências, ver: POLLARD, 1977, 135-140; MALAGARDIS, 1988, 110-114) falam sobre o gosto dos gregos em manterem aves em suas casas, bem como parecem caracterizar, como uma atividade permanente, a prática de caçar (PLATÃO. **As Leis** 823e) e vender pássaros (ARISTÓFANES. **As Aves** 13-14, 1076-1083). Que o passarinho gozava de um estatuto social muito baixo, parece não haver dúvida na historiografia, já que esta atividade era pouco digna para um homem livre, além de ser objeto de críticas pela forma como se dava o aprisionamento das aves (PLATÃO. **As Leis** 823c, 824b). Há, em uma ânfora de figuras negras (figuras 4a, 4b, 4c) e em um medalhão de uma taça de figuras vermelhas (figura 5), o emprego de armadilhas para pegar pássaros (sobre o uso de armadilhas (παγίδας), redes (νεφέλας) e fios (δίκτυα), ver: ARISTÓFANES. **As Aves** 194). Devido ao seu uso, percebe-se uma interessante divergência nos textos antigos, particularmente entre Xenofonte e Platão. Enquanto o primeiro (XENOFONTE. **A Caça** 2.4-9, 11.2-4) procura descrever como necessário e indispensável o uso de redes e armadilhas para a caça, o segundo autor (PLATÃO. **As Leis** 823d-824c) demonstra um grande desprezo por aqueles que lançam mão desses expedientes para caçar, já que, segundo Platão, dificilmente este caçador, através destes meios, poderá demonstrar a sua ἀνδρεία. Diante de posições tão antagônicas, inclinamo-nos pela narrativa de Xenofonte, por entender que ela está mais próxima da realidade vivida pelos amantes da caça. A sua obra, sobre a cinegética, deixa transparecer que ele tinha um conhecimento e, muito provavelmente, um envolvimento prático com o tema trabalhado. As suas posições, em defesa das armadilhas durante as caçadas, eram decorrência das experiências que ele próprio, juntamente com outros caçadores, havia vivenciado durante as caçadas. As colocações de Platão, por outro lado, estão basicamente situadas no campo teórico. Elas parecem emergir de um contexto citadino, em que o autor está apenas interessado em ver a caça e o caçador como partes integrantes e indispensáveis do sistema tradicional de educação oligárquica, sem se preocupar em relacionar suas críticas ao uso das armadilhas com o terreno prático das caçadas.

O cão de caça, por fim, é um elemento que ajuda acentuar ainda mais o ambiente da caça nas imagens. Ele aparece, muitas vezes, como um importante auxiliar do caçador, atacando ou perseguindo a presa. As caçadas podem existir, no entanto, com ou sem a presença desse animal (PLATÃO. **A República** 421b; SCHNAPP, 1997, 241). A julgar pela longa exposição

feita por Xenofonte (A Caça 3.1-4.11; ANDERSON, 1985, 42-49), na qual ele descreve as raças, as qualidades, as potencialidades e as especificidades do cão de caça, podemos supor que a sua criação, treinamento e manutenção fossem muito dispendiosos (para um número maior de referências nos textos antigos sobre o cão de caça, ver: MAINOLDI, 1984, 143-151). Todos esses fatores funcionam como importantes indícios na hora de decodificar as informações advindas dos textos antigos e dos vasos áticos, na medida em que eles reforçam a estreita relação entre o cão de caça e os atenienses ricos (PLATÃO. A República 459a; XENOFONTE. Econômico 5.5).

Dos vários aspectos desenvolvidos ao longo do trabalho, três deles podem ser destacados: 1º) há mais referências sobre a caça enquanto esporte de homens ricos do que como complemento alimentar das populações pobres, em particular, daquelas campesinas; 2º) a ênfase na relação caça / esporte remeteu, desde o início, este tema ao universo oligárquico. Tal vinculação ajuda a explicar, senão no todo, pelo menos em grande parte, o porquê de uma diminuição significativa dessa temática na documentação ao longo do período clássico, em especial, a partir da segunda metade do quinto século; 3º) as imagens de caça contidas nos vasos áticos de figuras negras e vermelhas enfatizam mais a **andreia** do que a caçada em si, muito embora deva ser ressaltado que, por meio dessas cenas, pode-se compreender melhor a cinegética praticada pelos antigos gregos.

Catálogo Sumário das Cenas de Caça Utilizadas no Trabalho

Abreviaturas Utilizadas no Catálogo.

- ABV. BEAZLEY, J. D. Attic Black-Figure Vase Painters. Oxford: Clarendon Press, 1956.
- ARFV-AP. BOARDMAN, J. Athenian Red Figure Vase. The Archaic Period. London: Thames and Hudson, 1991.
- ARV. BEAZLEY, J. D. Attic Red-Figured Vase Painters. Oxford: Clarendon Press, 2nd ed., 3 volumes, 1963.
- CHASSEUR. SCHNAPP, A. Le Chasseur et La Cité. Chassé et Érotique dans la Grèce Ancienne. Paris: Albin Michel, 1997.
- CVA. Corpus Vasorum Antiquorum.

- HÉRACLÈS.** SCHNAPP, A. Héraclès, Thésée et Les Chasseurs: Les Ambiguïtés du Héros, in: BÉRARD, C., BRON, C. et POMARI, A. (Orgs.). Images et Société en Grèce Ancienne. Lousanne: Université de Lousanne, 1987, pp. 121 - 129.
- IMAGES.** MALAGARDIS, N. Images du Monde Attique à L'Époque Archaïque, in: Archaïologike Ephemeris 127 (1988) 95 - 134.
- JHS.** The Journal of Hellenic Studies.
- MONUMENTI ANTICHI.** Reale Accademia dei Lincei. Milano: Ulrico Hoepli, vol. XVII, 1906.
- SACRIFICE.** DURANT, J.-L. Sacrifice et Labour en Grèce Ancienne. Essai d'Anthropologie Religieuse. Paris – Rome: Découverte / École Française de Rome, 1986.
- SOTHEBY.** Catalogue Sotheby's.

Figura 1

Taça ática de figuras negras. Berlim, Antikensammlung. Inventário: F 1806. Prov. Vulci (Etrúria). Nicosthenes Painter. Data: 550-500.

Bibliografia: Beazley, *ABV* 223 (66); Schnapp, *CHASSEUR* 265, nº 225; Malagardis, *IMAGES* 116, 118 fig. 8b; Durand, *SACRIFICE* pp. 185-186, fig. 91.

Descrição:

(**medalhão**) caçador agachado, braço esquerdo apoiado sobre a coxa esquerda, segura com a mão direita um lagobólon.

(**área decorada interna**) três jovens nus conduzem seus arados puxados por juntas de bois. Um deles segura com a mão direita o cabo do arado, enquanto que o terceiro tem na mão direita uma lança. Pelo menos dois aradores usam lanças para caçar cervos. Um jovem semeador, nu, localizado entre um boi e um arador, segura, pela alça, com a mão esquerda, uma cesta que está apoiada na coxa esquerda, enquanto que a sua mão direita, ligeiramente fechada, está segurando sementes prontas para serem lançadas no solo. Há um jovem caçador, nu, perna direita levantada, segurando uma lança com a mão direita. Existem, na cena, dois lagartos e partes de um gafanhoto e de uma tartaruga.

Há uma inscrição: ΝΙΚΟΣΘΕΝΕΣΕΠΟΙΗΣΕΝ.



Figura 2

Lécito ático (fragmentado), figuras vermelhas. Proveniência: Gela.

Bibliografia: MONUMENTI ANTICHI pp. 476 e 479.

Descrição: Caçador imberbe, nu, coroa na cabeça (?) voltado para a direita, clâmide apoiada no lado esquerdo do corpo, pétaso jogado para trás. Ele segura na mão direita duas lanças e mantém, bem próximo de si, no seu lado esquerdo, um cão de caça voltado para a direita, rabo esticado, ligeiramente levantado e uma das patas dianteiras levantada.



Figura 3

Taça ática, figuras vermelhas. Castle Ashby, Northampton (Great Britain). The Curtius Painter. Data: 475-50.

Bibliografia: CVA - Castle Ashby, Northampton, fasc. unique, Great Britain, 15 (1979) pl. 37, figs. 1 e 2; SCHNAPP. **HÉRACLÈS** p. 128; SCHNAPP, **CHASSEUR** p. 386, pl. 435.

Descrição:

(a) Jovem imberbe, voltado para a direita, vestindo uma clâmide presa na altura do pescoço por um broche, tem o braço e mão esquerda sob o manto, segura uma lança na mão direita, cuja ponta toca no focinho levantado do javali, que está voltado para a esquerda.

(b) Jovem imberbe, voltado para a esquerda, vestindo uma clâmide que cobre o braço e a mão esquerda, deixando, porém, quase todo o dorso nu, segura uma lança com a mão direita, apontando em direção a um javali, voltado para a direita, cuja pata dianteira esquerda e o focinho estão levantados.



Figura 4

Ânfora ática de figuras negras. Londres, Comércio. The Bacci Painter.
Data: 525-500.

Bibliografia: SOTHEBY 9.dec.1985, n° 132; Malagardis, **IMAGES**
p. 111, fig. 2.

Descrição:

(a) No centro da cena está uma árvore com vários ramos, sem folhas, sobre os quais sobressaem varetas enviscadas (κάλομοι ἰξευτοί) alinhadas verticalmente. Observa-se um grande número de pequenos pássaros em torno da árvore: uns voam, outros estão presos nas varetas enviscadas sobre os ramos e há ainda aqueles que, com as varetas presas nas patas, precipitam-se, de cabeça, em direção ao solo. Embaixo da árvore, à direita, está uma enorme coruja, com o olhar frontal (em relação ao observador da cena), empoleirada sobre uma planta com um tronco muito fino. Há dois homens de grande estatura, de cada lado da árvore. Eles são provavelmente passarineiros, agachados. Aquele situado à esquerda da cena tem dois dedos da mão direita próximos à boca. Atrás de cada um dos homens, dois longos caules, cada um deles com uma flor de lótus na ponta.

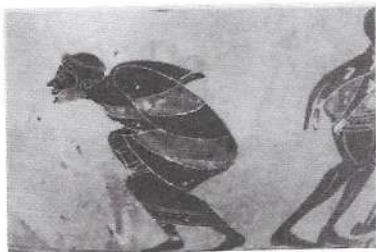
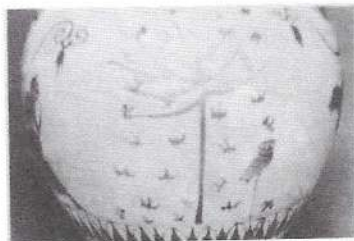


Figura 5

Taça ática, figuras vermelhas. Londres, British Museum. Inv. GR 1901.5 - 14.1. Prov. Orvieto. The Cage Painter. Data: 480.

Bibliografia: Beazley, ARV 348, 2; CVA - British Museum, 9, Great Britain, 17 (1993) 16, pls. 20-1 e fig. 6c; Walters, H.B. JHS 41 (1921) 126; Boardman, ARFV-AP fig. 244.

Descrição:

(**medalhão**) Jovem imberbe, voltado para a direita, cabeça circundada por uma fita (?), sentado em um banco, apóia em seus joelhos uma gaiola de passarinho com um pássaro no seu interior. Ele usa um ἰμότιον, um fio vermelho ao redor da sua cabeça. O jovem parece estar abrindo (ou fechando?) a porta da gaiola com o polegar e o indicador da mão direita. Acima da gaiola está uma armadilha para caçar passarinho com um longo manejador para as mãos.

Há uma inscrição: ΗΟΓΓΑΙ[Σ]ΚΑΛΟΣ.



Bibliografia

- AMOURETTI, M.-C. (1998). Cidades e Campos Gregos, in: FLANDRIN, J.-L. e MONTANARI, M. (Orgs.). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 137-154.
- ANDERSON, J. K. (1961). **Ancient Greek Horsemanship**. Berkeley: University of California Press.
- ANDERSON, J. K. (1985). **Hunting in the Ancient World**. Berkeley: University of California Press.
- BERTRAND, J. e BRUNET, M. (1993). **Les Athéniens. À la Recherche d'un Destin**. Paris: Armand Colin.
- BURFORD, A. (1993). **Land and Labor in the Greek World**. Baltimore and London: The John Hopkins University Press.
- BUXTON, R. G. A. (1992). Imaginary Greek Mountains, in: **The Journal of Hellenic Studies** 112, pp. 1-15.
- CLOCHÉ, P. (1931). **Les Classes, les Métiers, le Trafic**. Paris: Les Belles Lettres.
- DEL PELOSO, D. M. (1999). **Actéon, Quando a Caça é Transgressão: Atenas no Quinto Século**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- DELEBECQUE, E. (Tradutor). (1970). XÉNOPHON. **L'Art de la Chasse**. Paris: Les Belles Lettres.
- DETIENNE, M. (1986). **O Mito: Orfeu no Mel**, in: LE GOFF, J. e NORA, P. (Orgs.) **História: Novos Objetos**. trad. T. Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed.
- DOVER, K. J. (1989). **Greek Homosexuality**. Cambridge: Harvard University Press, 2nd ed.
- FINLEY, M. I. (1985). **A Política no Mundo Antigo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- FLACELIÈRE, R. (s/data). **A Vida Quotidiana dos Gregos no Século de Péricles**. Lisboa: Livros do Brasil.
- FOX, R. L. (1996). Ancient Hunting: From Homer to Polybios, in: SHIPLEY, G. and SALMON, J. (Eds.). **Human Landscapes in Classical Antiquity. Environment and Culture**. London: Routledge.
- GALLANT, T. W. (1991). **Risk and Survival in Ancient Greek. Reconstructing the Rural Domestic Economy**. Cambridge: Cambridge University Press.

- GARNSEY, P. (1999). **Food and Society in Classical Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GLOTZ, G. (1946). **História Econômica da Grécia**. Lisboa: Cosmos.
- HACQUARD, G. (1979). **Guide Mytologique de la Grèce et de Rome**. Paris: Hachette.
- HODKINSON, S. (1988). Animal Husbandry in the Greek Polis, in: WHITTAKER, C. R. (Ed.). **Pastoral Economies in Classical Antiquity**. Cambridge: The Cambridge Philological Society, pp. 35-74.
- ISAGER, S. e SKYDSGAARD, J. E. (1992). **Ancient Greek Agriculture: an Introduction**. London: Routledge.
- MAINOLDI, C. (1984). **L'Image du Loup et du Chien dans la Grèce Ancienne. D'Homère à Platon**. Paris: Ophrys.
- MALAGARDIS, N. (1988). Images du Monde Rural Attique à L'Époque Arcaïque, in: **ARCAIOLOGIKH EFHMERIS** 127, pp. 95-134.
- MOURA, J. F. (2000). **Imagens de Esparta. Xenofonte e a Ideologia Oligárquica**. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros.
- OSBORNE, R. (1991). **Demos: The Discovery of Classical Attika**. Cambridge: Cambridge University Press, 4th ed.
- PIPLI, M. (2000). Wearing an Other Hat: Workmen in Town and Country, in: COHEN, B. (Ed.). **Not the Classical Ideal. Athens and the Construction of the Other in the Greek Art**. Leiden: Brill, pp. 153-179.
- POLLARD, J. (1977). **Birds in Greek Life and Mity**. Great Britain: Thames and Hudson.
- SARIAN, (1993). Poieîn-Gráphein: O Estatuto Social do Artesão-Artista de Vasos Áticos, in: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo** 3, pp. 105-120.
- SCHNAPP, A. (1997). **Le Chasseur et La Cité. Chassé et Érotique dans la Grèce Ancienne**. Paris: Albin Michel.
- SCHNAPP, A. (1993). La Morale de la Chasse en Grèce Ancienne: Éthique du Citoyen ou École du Tyran?, in: DESSE, J. et AUDOIN-ROUZEAU, F. (Orgs.). **Exploitation des Animaux Sauvages a Travers le Temps** (XIII Rencontre Internationale d'Archéologie et d'Histoire d'Antibes. IV Colóque International de l'Homme et l'Animal. Société de Recherche Interdisciplinaire). Juan-les-Pins: Éditions APDCA, pp. 375-403.

- SPENCE, I. G. (1993). **The Cavalry of Classical Greece. A Social and Military History**. Oxford: Clarendon Press.
- STAÏNKHÁOUER, G. (1994). Parathrhvseiç sthn Oikistikhv Morfhv twv Attikwv Dhvmwn, in: COULSON, W. D. E. et Alli (Eds.). **The Archaeology of Athens and Attica under The Democracy**. Oxford: Oxbow Books, pp. 175-189.
- WEBSTER, T. B. L. (1972). **Potter and Patron in Classical Athens**. London: Méthuen.
- WILLIAMS, D. (1984). Women on Athenian Vases: Problems of Interpretation, in: CAMERON, A. and KUERT, A. **Images of Women in Antiquity**. Sydney: Croom Helm, 2nd ed., pp. 92-106.

Notas

¹ A própria presença de hermas na iconografia dos vasos áticos é um forte indício de que esta atividade ocorra no espaço rural. Há, neste sentido, três importantes relatos nos textos antigos que sustentam esta colocação. No primeiro, Platão (**Hiparco** 228d-229c) informa que foi Hiparco quem, pela primeira vez, mandou fazer e colocar Hermas no meio dos caminhos entre a **ásty** e cada um dos **dêmoi** atenienses. O seu objetivo, com esta medida, era o de educar os camponeses; o segundo e o terceiro relatos encontram-se em Pausânias (2.38.7, 8.34.6), e neles são mencionadas as presenças de Hermas em regiões fronteiriças.

² Convém observar, como muito bem salientaram Anderson (1961, 100-101; 1985, 25-26) e Fox (1996, 134-136), que a democracia ateniense impôs alterações na prática da caça. Estas mudanças podem ser percebidas em pelo menos três níveis: 1º) nos princípios igualitários, que passam a impor sanções legais a todos os abusos praticados, inclusive aqueles realizados pelos ricos; 2º) na mudança gradual do sentimento popular contra esta forma de caça (a cavalo), com sua extravagância e trans-torno para os agricultores; e 3º) na diminuição das áreas disponíveis para a cinegética, já que no quinto século, com o desenvolvimento do império, há um crescimento populacional acompanhado de um aumento da área agrícola na Ática.

³ Deve-se atentar para o fato de que nem todos os antigos gregos, independentemente da condição social, interessavam-se pela caça. Fox (1996, 125-126), partindo de uma constatação feita pelo próprio Xenofonte (**A Caça** 5,25), observou que muitos ilhéus eram indiferentes à cinegética.

⁴ Para o consumo da lebre, ver: ARISTÓFANES. **Os Acarnenses** 520, 878, 1006, 1110; **As Vespas** 709; **A Paz** 1150, 1196, 1312; **Os Cavaleiros** 1192-1199; sobre o consumo de aves, ver: ARISTÓFANES. **Os Acarnenses** 872-878; para o consumo de carne, ver: ARISTÓFANES. **Os Cavaleiros** 654-662; **Os Acarnenses** 739-835;

PSEUDO-XENOFONTE. *A Constituição dos Atenienses* 2.9; PLATÃO. *A República* 373c; ver também: GLOTZ, 1946, 48; GALLANT, 1991, 119-120, 125; ISAGER e SKYDSGAARD, 1992, 91, 93; BURFORD, 1993, 146; BERTRAND E BRUNET, 1993, 173; GARNSEY, 1999, 36.

⁵ Existe a possibilidade, embora ela não seja comum, de se encontrar uma oficina cerâmica, provida de quatro fornos, no espaço rural. Sobre esta questão, ver: STAÏNKHÁOUER, 1994, 180.

⁶ Há uma pesquisa de Mestrado em curso no Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro da pesquisadora Raquel Correia Lima Reis, orientada pela Dr^a. Neyde Theml, que discute a homossexualidade na Atenas Clássica. Dos resultados alcançados até o momento, destaca-se um tópico por demais interessante aqui, qual seja: o desaparecimento das cenas relacionadas à temática **erastés / erómenos** ao longo da segunda metade do quinto século. Este tópico apontado pela referida pesquisadora está muito próximo da análise feita por Dover (1989, 7, 152). Esta discussão parece sugerir um tipo de controle ideológico, exercido pelos democratas atenienses, dos temas que circulavam nos vasos áticos de figuras vermelhas, em particular, aquele relacionado com o homoerotismo.

Quadro 1. Relação entre Formas de Vasos e Temáticas das Cenas nos Vasos Áticos de Figuras Negras.

Cena de	Taça	Ânfora	Lécito	Híria	Oinochoé	Skýphos	Dinos	Bol	Kýathos	Cratera	Tampa	Pinax	Cóthon	Phiale	Cântaro	Lekanis	Pelike	Klepsydra	Exaleipton	Total
Caça	63	29	23	32	5	3	5	4	2	3	4	3	1	1	1	—	—	—	1	180
Colheita de Frutas	3	4	15	—	4	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	29
Viridina e Piscoamento das Uvas	2	10	1	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	15
Pastores e Rebanhos	2	1	—	1	2	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	7
Trabalho Agrícola	3	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5
Colheita de Azeitona	—	2	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3
Apicultura	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2
Caça aos Passaros	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2
Fabricação e Venda de Óleo	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	2
Fabricação da Farinha e do Pão	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2
Pesca	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Colheita de Uva	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Fonte Campestre	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Banho de Maroufilo	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Total	73	56	40	34	12	7	5	4	3	3	4	3	1	1	1	1	1	1	1	251

Quadro 2. Relação entre Formas de Vasos e Temáticas das Cenas nos Vasos Áticos de Figuras Vermelhas

Cena de	Taca	Ánfora	Lécito	Híria	Skýphos	Dinos	Kýathos	Cratera	Pelike	Chous	Psyktér	Pixis	Askos	Rýthon	Total
Cena de Caça	31	4	12	1	1	1	1	6	2	—	—	1	1	1	62
Colheita de Frutas	3	—	1	2	2	—	—	1	—	—	—	—	—	—	8
Piscolamento das Uvas	5	—	—	—	—	—	—	10	—	—	1	—	—	—	16
Pastores e Rebanhos	1	1	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	1	5
Cruzamento de Animais	3	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	4
Camponeses Áticos	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1
Caça aos Pássaros	1	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3
Pesca	5	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	—	—	7
Hoplitas na Khóra	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Mulheres nos Poços	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2
Total	53	5	13	2	5	1	1	18	5	1	1	2	1	2	109